

**Ensino de Enfermagem no Ceará: registros e reflexões sobre os primeiros cursos**

*Nursing Education in Ceará: records and reflections on the first courses*

Silvia Maria Nóbrega-Therrien

Maria Irismar de Almeida

Elane da Silva Barbosa

**Universidade Estadual do Ceará - UECE**

Fortaleza-Brasil

**Resumo**

A educação formal na Enfermagem brasileira iniciou-se no Rio de Janeiro, em 1890. No Ceará, só começou em 1940, porém há poucos registros históricos. Assim, objetiva-se conhecer a trajetória dos primeiros cursos de Enfermagem no estado do Ceará. Trata-se de investigação qualitativa histórica do tipo documental, tendo como fontes notícias de jornais. Em 1942, foram criados três cursos: o de *Enfermeiras de Emergências*; seguido do *Curso de Enfermagem de Emergência Estadual*, pelo Departamento de Saúde Pública, sob chancela da Cruz Vermelha; e o *Curso de Enfermeiras de Emergência* do Patronato Nossa Senhora Auxiliadora, os quais se constituíram em suportes para a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – EESVP. Constata-se, portanto, a necessidade de compreender a gênese do ensino de Enfermagem cearense para entender o panorama presente e subsidiar transformações no processo formativo.

**Palavras-chave:** Enfermagem; Educação formal; Registros históricos; Trajetória.

**Abstract**

Formal education in Brazilian nursing started in Rio de Janeiro in 1890. In Ceará, it only started in 1940, but there are few historical records. Thus, the objective is to know the trajectory of the first Nursing courses in the state of Ceará. This is a qualitative historical investigation of the documentary type, with news sources from newspapers as sources. In 1942, three courses were created: Emergency Nurses; followed by the State Emergency Nursing Course, by the Department of Public Health, under the seal of the Red Cross; and the Emergency Nurses Course of the Patronato Nossa Senhora Auxiliadora, which constituted support for the São Vicente de Paulo Nursing School - EESVP. Therefore, there is a need to understand the genesis of Nursing teaching in Ceará in order to understand the present panorama and to support transformations in the training process.

**Keywords:** Nursing; Formal education; Historical records; Trajectory.

## **Introdução**

Para transformar o contexto em que se insere, deve-se iniciar pelo próprio processo de formação, fazendo dele um espaço para que os sujeitos exercitem aquilo que se propõe que vivenciem quando estiverem formados, nos seus cenários de atuação (FREIRE, 2005). Nesse âmbito, o presente estudo reporta-se para o processo formativo da enfermeira<sup>i</sup> por entender que a formação orienta, norteia, subsidia os fundamentos teórico-práticos para o exercício da profissão.

Tratar sobre a formação da enfermeira implica, necessariamente, em focar a própria constituição da Enfermagem como profissão. Isso porque justamente quando essa área inicia o seu processo de pré-profissionalização começa também o interesse em sistematizar o ensino de Enfermagem, com o fomento dos primeiros cursos.

Assim, adota-se, nesta investigação, perspectiva histórica, porque, nesta abordagem, se conta o ocorrido, ao passo em que se pensa e se transmite para outrem. Não deixa de configurar-se, então, numa forma de sistematizar os fatos, não como um mero registro, mas compreendendo que existem questões filosóficas que a sistematização dos acontecimentos pode trazer à tona, como: o comportamento humano em determinado contexto histórico-cultural. Para Padilha e Borenstein (2005), a História convida a não olhar apenas para o passado, mas compreender a realidade, vislumbrando questões futuras.

Ao se fundamentar sob uma perspectiva histórica e, por conseguinte, epistemológica da Enfermagem ao propiciar a compreensão sobre a sua constituição, pode-se perceber que essa área foi se desenvolvendo desde os primórdios da humanidade, isto é, a partir do momento em que se tem registro da vida humana na Terra começam, igualmente, a existir menções a ações que remetem ao que se conhece, a partir da Idade Média, como cuidado de Enfermagem. No início dessa prática, não havia um saber organizado, com sistematização teórica; essa organização só ocorreu posteriormente (COLLIÈRE, 2001).

Nesse raciocínio, para Figueiredo *et al.* (1998), o cuidado de Enfermagem nasce no espaço do lar, em que a mulher desempenhava o cuidado necessário: a mãe que cuidava do filho; a esposa, do marido; a filha, dos pais, enfim a mulher que cuidava de familiares, vizinhos, de quem precisasse. Nesse momento de gênese do que, séculos depois, se configuraria na profissão da Enfermagem, não havia *locus* oficializado para a construção desse aprendizado, isto é, a mulher aprendia, empiricamente, pela observação e convivência com outras mulheres sobre como realizar o cuidado. Eram conhecimentos empíricos, que

emergiam do fazer, ou melhor, das experiências e da observação do cotidiano.

A educação formal na Enfermagem iniciou-se, no século XIX, com Florence Nightingale. Um dos marcos do surgimento da Enfermagem Moderna foi a criação por ela, em 1860, da primeira escola de Enfermagem no Hospital Saint Thomas, em Londres. Antes, esses cuidados estavam sob os auspícios de religiosas que aprendiam a cuidar, cuidando, isto é, aprendiam a cuidar a partir da prática de assistir aos enfermos. Os fundamentos que orientaram Florence para que criasse essa escola, além dos seus estudos e da sua vasta cultura, foram provenientes dos estágios que realizou no Instituto de Diaconisas de Kaiserswerth, na Alemanha, além da oportunidade que teve de conhecer o trabalho realizado pelas Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, em Paris (PADILHA; MANCIA, 2005).

Na realidade brasileira, o primeiro curso de Enfermagem emerge no final do século XX, mais especificamente em 1890, no Rio de Janeiro, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, que foi fundada no Hospício Pedro II, também denominado de Hospital Nacional de Alienados, com a finalidade de realizar o cuidado de Enfermagem para os sujeitos em tratamento psiquiátrico (OLIVEIRA *et al.*, 2007).

Para Silva Júnior *et al.* (2001), embora venham paulatinamente sendo mais valorizadas investigações na história da Enfermagem que se reportem para o processo formativo ainda são esparsas e escassas ante a complexidade e amplitude do tema. Esses estudos só foram iniciados em 1920, com a finalidade de auxiliar na construção profissional da categoria. Realidade essa que se torna ainda mais delicada no cenário cearense, haja vista que, segundo Nobrega-Therrien, Almeida e Silva (2008 a, b), além de ser possível se constatar uma ausência de cultura de preservação histórica na própria categoria profissional cearense, o que pode ser identificada pela dificuldade em acondicionar e valorizar escritos e objetos que preservem o que ocorreu, há poucos estudos que tratam deste tema.

Justifica-se, ainda, pesquisar essa problemática da formação da enfermeira para o cuidado, particularmente no contexto cearense, porque existe a necessidade de sistematizar a história da Enfermagem no Estado. Para Nobrega-Therrien, Almeida e Silva (2008 a, b), há déficit de materiais que registram e preservam essa história, o que demonstra a pouca valorização dada não só aos sujeitos que construíram nessas terras as origens da profissão, bem como daqueles que estão construindo e dos que ainda virão e,

portanto, contribuirão com a sua construção. Isso porque não há relação estática entre passado, presente e futuro; existe um vínculo dinâmico. O passado permite compreender questões que se enfrenta atualmente, propiciando subsídios para construir dias vindouros diferentes e exitosos em múltiplos sentidos.

Nesse contexto, tem-se como objetivo, neste artigo, conhecer a trajetória dos primeiros cursos de Enfermagem no estado do Ceará.

### **Metodologia**

Trata-se de investigação de natureza qualitativa com abordagem histórica do tipo documental. Esta pesquisa como qualitativa, ao tratar da gênese do processo de formação da enfermeira cearense, partindo das ideias de Bogdan e Biklen (1994); Ludke e André (2013), e Minayo (2007, 2009), trabalha com as concepções, os motivos e as perspectivas acerca dessa realidade. Logo, o fenômeno estudado pode ser compreendido como integrante da realidade histórica-social-cultural, posto que não se pode descontextualizar o fenômeno a ser estudado do *locus*, do espaço, do tempo, do contexto do qual faz parte.

Freitas (2002), por sua vez, afirma ser possível classificar um estudo como de natureza qualitativa com uma abordagem específica, no caso a referida autora se reporta para a histórica. Isso porque a investigação qualitativa visa compreender a realidade estudada, a partir das percepções e experiências dos sujeitos. Então, o contexto sócio-histórico em que os sujeitos se inserem e, portanto, no qual se delinea a problemática estudada, deve ser valorizado, a fim de possibilitar a percepção de características singulares que auxiliam na análise da referida realidade.

Ao classificar esta investigação como histórica, ancora-se no pressuposto de que a história, enquanto campo do conhecimento, visa entender os sujeitos no seu contexto temporal, voltando-se para os aspectos socioculturais que caracterizam sua existência (PADILHA; BORENSTEIN, 2005).

Assim, a História ajuda a compreender como foi-se constituindo a Enfermagem enquanto categoria profissional, até porque, conforme González (2016), um dos objetivos da pesquisa histórica em Enfermagem é compreender o “porquê” da constituição dessa área como atividade profissional, o que gera, conseqüentemente, pressupostos para fomentar sua identidade. Complementando esse pensamento, Porto *et al.* (2013) argumentam que as investigações no campo da história instigam a reflexão acerca dos fundamentos que alicerçam a Enfermagem, ao mesmo tempo em que apontam a

construção de conhecimentos como eixo norteador na categoria, somando-se à reflexão sobre a própria prática e o processo de formação dos profissionais.

Como fonte para a coleta de dados voltou-se para a documental, que se trata daquela cuja pesquisa ocorre em documentos, os quais podem ser de cunho particular (tais como: cartas e comunicações pessoais), bem como público (por exemplo: leis e jornais). Logo, o tipo de informação que pode ser extraída dos documentos varia, desde a menção de datas em que ocorreram determinados fatos, à descrição de acontecimentos ou até mesmo reflexões do sujeito sobre determinada situação (BOGDAN; BLIKEN, 1994).

A coleta documental consiste na ação de extrair dados dos documentos, neste caso os que discorrem sobre as primeiras instituições responsáveis pela formação em Enfermagem no Ceará. Conforme Barros (2013), o texto documental pode ser focado de diferentes modos, o que depende do profissional que o trabalha. Noutras palavras, o texto diz/fala, de acordo com o que a “lente” de quem o lê consegue enxergar e interpretar. Assim, caso um historiador ou um pesquisador que pretenda trabalhar sob um viés histórico analisa um texto obviamente dará ênfase às relações que podem ser estabelecidas entre o que está inscrito naquele documento e o contexto de um determinado período. Desse modo, o texto é, simultaneamente, um objeto de significação, porque traz um significado acerca daquela temática, e de comunicação, por transmitir uma determinada mensagem.

Então, o presente estudo de cunho histórico tem como fontes primárias de investigação documentos escritos, no caso desta investigação jornais publicados na época. No caso, tomou-se, como recorte temporal, o ano de 1942, o qual se trata do período em que foi iniciado o Ensino de Enfermagem no estado.

Estes são os locais no qual foram encontradas essas fontes históricas, isto é, as matérias jornalísticas: a Biblioteca Pública Estadual Governador Menezes Pimentel, o Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, conhecido como Seminário da Prainha, a Biblioteca da Arquidiocese de Fortaleza Padre Luiz Uchoa, o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, a Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, a Fundação Waldemar Alcântara, a Casa Provincial das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, a Associação São Vicente de Paulo, o Colégio Imaculada Conceição fundado pelas Irmãs de Caridade (provedoras da primeira Escola de Enfermagem no Estado) e o Arquivo Público do estado do Ceará. Além desses espaços, constam também a Universidade Federal do Ceará - UFC e a Universidade

Estadual do Ceará - UECE, com seus cursos de Enfermagem remanescentes da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – EESVP, primeira escola do estado. É pertinente mencionar que esses espaços se localizam na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará.

Também foi realizada pesquisa bibliográfica, tendo como fonte: livros, dissertações e teses, somando-se a periódicos, tanto no formato impresso como online, os quais abordavam a temática desta investigação.

Os dados foram coletados com base em roteiro previamente elaborado. Em seguida, esses foram sistematizados, sendo fiéis às informações identificadas, bem como às características daqueles dados. Isso porque, por se tratarem de reportagens jornalísticas escritas em décadas passadas, mantém, dentre outras coisas, características bem singulares em relação à escrita. Como etapa seguinte, estabeleceu-se um diálogo entre os dados documentais com os autores e teóricos que discorrem sobre o tema, ou seja, os dados foram analisados à luz dos teóricos.

Faz-se preciso mencionar que este artigo trata-se de recorte de pesquisa guarda-chuva que se reporta para o registro da história da Enfermagem cearense, que vem sendo desenvolvida desde 2011, com a aprovação e o financiamento de agências de fomento, assim como anuência por parte do Comitê de Ética e Pesquisa – CEP da Universidade Estadual do Ceará – UECE, sob o protocolo nº 10461873-6, 17 de janeiro de 2011.

Ainda no que concerne ao apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa, ainda em 2011, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq apoiou por meio do edital universal, sob o processo 476630/2011-8 e, em seguida, pelo Edital Produtividade em Pesquisa, com o Processo 307598/2015-2. Posteriormente, contou-se, de novo, com o apoio do CNPq, por meio do Edital em Pesquisa sob o Processo 304458/2018-0. De 2012 a 2014, teve-se o financiamento por parte da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, com o Edital n.º 06/2012, depois com o Edital n.º 06/2014 e, mais recentemente, sob o Edital n.º 03/2019.

### **Resultados e discussões**

Desde a instalação do Regime Republicano, havia preocupação com a formação de enfermeiras para o atendimento à população, cuja semente foi plantada no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, ao ser criada pelo Decreto Federal nº 791 de 27 de setembro de 1890, do Governo Provisório da República, a primeira Escola de Enfermagem no País, denominada de Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, que mais tarde

passaria a ser denominada de Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Com esse Decreto, tem-se início a profissionalização das atividades de enfermagem e, por conseguinte, sua caracterização como ensino oficial. Até essa época a assistência ainda se constituía em prática sem sistematização (o conhecimento empírico ainda voltado para o saber fazer) que lhe indicasse o status de profissão (KLETEMBERG; SIQUEIRA, 2003).

Esta Escola surgiu, portanto, da necessidade urgente de preparar enfermeiras, ante o abandono das irmãs de Caridade do então Hospital Nacional de Alienados (antigo Hospital Pedro II), diante de maior controle das ações de saúde pelos médicos. Com esse decreto ficou, conseqüentemente, oficializada a profissionalização relacionada às atividades de enfermagem por meio do ensino formal. Com o movimento da Reforma Sanitária que se iniciava em outros países e influenciava mundialmente a forma de pensa-fazer saúde e a criação do Departamento de Saúde Pública - DNSP é fundada em 1921 a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública. Em 1923, passa a ser denominada de Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery, em alusão à essa mulher que, durante a Guerra do Paraguai, voluntariou-se para cuidar dos combatentes feridos, realizando tarefas correspondentes à prática da Enfermagem (OGUISSO, 2014; PADILHA; MANCIA, 2005).

A referida instituição foi considerada como Escola Padrão mais tarde, em 1931. Posteriormente, denominou-se de Escola Ana Neri da Universidade do Brasil, sendo incorporada à esta Universidade pela Lei de nº 452 de 5 de julho de 1937. Foi importante para a construção da identidade profissional da enfermagem, do seu reconhecimento e da sua organização como profissão na área da saúde (PADILHA; MANCIA, 2005).

A partir do surgimento dessas Escolas de Enfermagem, outras foram constituindo-se. Destaca-se que essas instituições se concentravam nas regiões centro-oeste-sul-sudeste do país, logo pessoas de outras regiões do país e de elevada condição socioeconômica, principalmente mulheres, visto que, naquele momento, era considerada uma profissão eminentemente feminina, vinham para estudar nessas cidades. Outras regiões brasileiras, caso necessitassem de enfermeiras, contratavam profissionais formadas nessas Escolas ou advindas de outros países (PADILHA; MANCIA, 2005).

Nesse sentido, Carlos *et al.* (2014) corroboram com esse pensamento e ainda ponderam que as Escolas de Enfermagem localizavam-se no eixo centro-oeste-sul-sudeste, por existir mais oportunidades de trabalho nessa região; no entanto, à medida que foi se

expandindo o processo de industrialização, urbanização e incremento da previdência social, os profissionais de Enfermagem tornavam-se mais necessários, o que levou à necessidade de ampliar a criação de instituições de formação, visto que as enfermeiras que atuavam em solo cearense estavam sendo formadas em outras regiões do país ou até mesmo no exterior. Somando-se a isso, o contexto bélico daquele período também contribuiu para a expansão do ensino na Enfermagem, tendo em vista que, em decorrência dos conflitos, particularmente da deflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), havia a necessidade de se formar profissionais que pudessem realizar cuidado a esses feridos.

Reportando-se para a realidade cearense, embora as Irmãs continuassem a intensificar sua inserção no campo da assistência de enfermagem em nível hospitalar, formalizando contrato com o Pronto Socorro e Assistência Municipal em 1943, e em 1948 com o Hospital Militar do Exército em Fortaleza, inclusive passando também a residir nestas instituições, diante o movimento de profissionalização da enfermagem, sobretudo, com a criação da Escola Ana Neri, no Rio de Janeiro, acontecem mudanças principalmente a partir de 1940. As transformações ocorridas no Brasil e no mundo com as novas descobertas científicas na medicina e principalmente com a segunda grande guerra produziram novas configurações no campo da enfermagem pré-profissional (FRAZÃO, 1973). Embora as Irmãs contribuíssem com o processo de assistência, o que inclusive fica evidenciado por notícias de jornais que ressaltavam a presença das irmãs na Santa Casa de Misericórdia, até mesmo na direção da instituição (SEGUE, 1940); havia, por outro lado, a necessidade de mais mão de obra de trabalho.

A Segunda Grande Guerra intensificou essa situação, visto que houve a necessidade de todo tipo de assistência, e conseqüentemente, de pessoal treinado para executá-la. A população que crescia cada vez mais na cidade de Fortaleza e no estado em 1940 também configurava uma demanda expressiva por assistência em saúde. Nesse sentido, a situação bélica aliada às novas descobertas científicas no campo da medicina, passam a exigir “um pessoal formado”, ou “enfermeiras diplomadas” para responder a estas necessidades, formação que muitas Irmãs não possuíam (ENFERMEIRAS, 1942). Essa situação foi discutida pelas próprias Irmãs, pelos médicos católicos envolvidos na assistência à saúde, pelo clero no Seminário da Prainha - condição inclusive que passa a ser noticiada pela imprensa, no caso, pelo jornal *O Nordeste* pertencente ao arcebispado cearense, em manchetes e em uma coluna diária chamada de *Pingo* (PINGO, 1942).

Essa seção do jornal abordava quase sempre essa temática, no caso, associada, sobretudo, à necessidade de preparação de pessoal de enfermagem no Estado, diante das mudanças pelas quais passava o mundo, o Brasil e o Ceará. Em Fortaleza, em tempo belicoso, a cidade configurava-se em uma situação estratégica sujeita ao “apagão” (*black out*) e à vigilância costeira, com a visível circulação de militares norte-americanos e o recrutamento de brasileiros, para o esforço de guerra.

Como consequência da Segunda Guerra, também começaram no Brasil, abrangendo todos os seus estados, incluído o Ceará, no final de 1941, e principalmente por todo o ano de 1942, movimentos de cunho nacionalistas pela preparação de moças e rapazes para o que chamavam de *defesa passiva*, *voluntários socorristas* e preparação para *atendimentos de emergência*, respondendo ao momento que se vivia. Desses cursos com finalidade bélicas maiores, a Cruz Vermelha Brasileira tornou-se precursora dessas propostas (OGUISSO; CAMPOS; SANTIAGO, 2009) e neles a Enfermagem encontrou espaço de afirmação como profissão. Cada um daria sua contribuição no esforço de construção da nação e em prol de sua defesa. As agências do governo balizadas pelos meios de comunicação impressos faziam apelo aos ideais nacionalistas como estímulo à participação de todos.

No Ceará não foi diferente. A imprensa desde o início de 1940 ao noticiarem, por um lado, a despedida da Irmã Becker da Santa Casa, uma das expoentes da Enfermagem cearense naquele período; por outro, divulgavam os cursos que surgiam na cidade com o propósito de formação de enfermeiras para emergências motivadas pela guerra (SEGUE, 1940). As notícias no Jornal referiam em nota que seguiam a informação principal que

A Cruz Vermelha em Fortaleza vem há muito promovendo nesta capital o ensino técnico-científico há várias turmas de “*enfermeiras de emergência*”, atendendo assim as necessidades do momento, em face do perigo da guerra que ora ameaça o nosso país (STUTZ, 2010, p. 359).

Os jornais locais com tons ufanistas divulgaram, com o título da notícia: “A Cruz Vermelha no Ceará”, esse movimento iniciado de forma mais concreta em 27 de março de 1942. Igualmente houve destaque na notícia à fundação de um órgão da Cruz Vermelha Brasileira no Estado, justamente na ocasião em que também se instalava sob a chancela dessa entidade o Curso de *Enfermagem de Emergência Estadual*, no caso, ministrado com

## *Ensino de Enfermagem no Ceará: registros e reflexões sobre os primeiros cursos*

duracão de três meses pelo Departamento de Saúde Pública do Ceará. Tratava-se, pois, de um curso de formação em nível técnico, de forma intensiva num curto período de tempo, para atender às demandas sociais, com viés tecnicista 1942 (A CRUZ, 1942).

A turma desse curso teve sua solenidade de instalação no Teatro José de Alencar em 20 de março de 1942 e finalizou com outra solenidade, em 28 de junho de 1942, nesse mesmo Teatro, com entrega de certificado e caderneta de identidade da Cruz Vermelha às formadas. Ambas as solenidades ocorreram com a presença das mais altas autoridades civis e militares. Mais de 300 moças e rapazes procuraram inscrição no curso, permanecendo cerca de 150 candidatas matriculadas, ficando o restante para a segunda turma (APRESENTAÇÃO, 1942; DEPARTAMENTO, 1942). Uma demonstração de que o apelo feito pela imprensa de forte cunho nacionalista, diante, sobretudo da Guerra, conseguia motivar a juventude e principalmente as mulheres cearenses para a enfermagem (MOTA, 1942).

A parte executiva do referido curso foi confiada aos médicos Paulo Machado, Haroldo Juaçaba e Vulpiano Cavalcante, e à visitadora – chefe do Serviço de Visitadoras Sanitaristas, Dona Anita Dourado Teixeira. A equipe masculina foi confiada ao médico Pontes Neto. Foram professores do curso, além dos profissionais da Medicina já citados, o médico Jurandir Picanço, na parte de neuroses de guerra, e o médico Raimundo Vieira Cunha, na parte de bacteriologia e correlatas. As aulas teóricas do curso foram ministrados nas salas do prédio da Escola Normal Justiniano de Serpa, sendo as práticas realizadas na Santa Casa de Misericórdia, na Assistência Municipal, na Maternidade Dr. João Moreira e no Centro de Saúde. Receberam o certificado do término do curso 104 enfermeiras e 7 enfermeiros de emergência. Conforme as aptidões especiais de cada enfermeira foram elas distribuídas pelos diversos setores em que foi dividida a cidade de Fortaleza, tendo em vista os locais de residência de cada uma e as necessidades daquele momento (DEPARTAMENTO, 1942).

Na reconstituição dos cursos que vão surgindo no estado com esse propósito, encontra-se, de início, a oferta de abertura e a realização de um Curso de *Enfermeiras de Emergências* a ser instalado em Fortaleza (ENFERMEIRAS, 1942). A data de início do curso foi 28 de fevereiro de 1942. A conclusão, com a solenidade de formatura realizada no Teatro José de Alencar, conforme noticiado, na época, no jornal O Nordeste, ocorreu em 11 de junho de 1942 (PRONTAS, 1942). Não se tem, entretanto, outras informações relacionadas ao curso, como, por exemplo, local de realização, conteúdos ministrados e corpo discente. Identificou-se, no entanto, que tal curso surgiu como iniciativa do médico Eleyson Cardoso,

então Delegado Federal de Saúde, realizado com o auxílio do 23º Batalhão de Caçadores, na pessoa do Cap. médico Luiz Lopes de Miranda e do médico Hyder Correia Lima (MOTA, 1942; PRONTAS, 1942). Nesse sentido, depreende-se que esse passa a ser o primeiro curso de Enfermagem ofertado no Estado, sendo o segundo, realizado pelo Departamento de Saúde Pública, com início das suas atividades em 20 de março de 1942 (DEPARTAMENTO, 1942).

Nóbrega-Therrien, Almeida e Silva (2008 a,b) ratificam essa perspectiva de escassez de registros acerca da história da Enfermagem cearense, inclusive em relação ao processo formativo. Por isso, ao realizarem investigação acerca desse tema, reportaram-se para material documental disponível: notícias jornalísticas, quadros de formandos, placas alusivas aos cursos de Enfermagem como fonte de dados para recuperar e preservar a história e memória da Enfermagem, em particular no que tange ao ensino.

Destaca-se que, embora as Irmãs da Caridade continuassem inseridas na Santa Casa, no Asilo de Alienados, no Ponto Socorro de Assistência Municipal e no Hospital Militar do Exército em Fortaleza, a prestar atendimento à população, mantendo a hegemonia da assistência de enfermagem, vão se inserir por outra vertente da missão desta congregação que, consoante Silva (2006), é a educação, igualmente nesse movimento de preparação de pessoal de enfermagem, respondendo às necessidades bélicas do momento.

Em 24 de maio de 1920, foi fundado na Rua Senador Pompeu, próximo à Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, pelo então Arcebispo dessa cidade, Dom Manoel da Silva Gomes, o Patronato Nossa Senhora Auxiliadora (PNSA), também conhecido como Patronato Central. Esse Patronato surgia com a finalidade de proteger e amparar moças pobres, ministrando-lhes instrução moral e religiosa e conhecimento de habilidades domésticas que lhes garantissem um meio de subsistência digna. Diferentemente dos internatos, onde as moças residiam; nos patronatos, elas estudavam, mas retornavam à noite para suas casas (MENDES, 2013).

Além da educação básica oferecida às moças de famílias pobres, desenvolvia-se naquele recinto, sob a direção das Irmãs da Caridade, as atividades da Associação das Filhas de Maria do PNSA, criada em 1º de maio de 1928, que, além do serviço moral, auxiliava financeiramente as suas associadas quando necessitavam de medicamentos ou de realizar enterros. Nas instalações do PNSA, ainda se ministrava o Curso de Donas de Casa; o Curso

Profissional Catarina Labouré, e, se promovia a Opereta Pastoril, no final do ano (A OPERETA, 1941; ASSOCIAÇÃO, 1944; NO PATRONATO, 1945).

Tratando-se de obra arquidiocesana, a administração do PNSA coube à Arquidiocese de Fortaleza; porém, em 19 de fevereiro de 1927, sete anos depois de fundado foi entregue às Filhas da Caridade, sob direção inicialmente da Irmã Duhamel, na época, Superiora da Santa Casa de Misericórdia. Também foi nesse mesmo ano, em 27 de novembro, que o Patronato foi transferido para novo endereço, na esquina da Avenida do Imperador, com a Rua Antônio Pompeu, em Fortaleza, um prédio com amplas dependências, indispensáveis para as atividades que a Arquidiocese solicitava que as Irmãs realizassem. Nesse período de mudança, em dois de novembro de 1927, assumiu a direção do PNSA, a Irmã Margarida Breves que permaneceu por quase 30 anos. Apenas em 04 de abril de 1949 (22 anos depois de direção das Irmãs na Casa), Dom Antônio de Almeida Lustosa autorizou a lavratura da escritura de doação do terreno do PNSA às Filhas de Caridade, também conhecidas, na época pela comunidade fortalezense, por Irmãs Vicentinas (MENDES, 2013).

Com o passar dos anos, o braço educacional das Filhas da Caridade como assinalado acima expandiu-se para a formação de recursos humanos para a assistência à saúde, na ocasião motivada, sobretudo, pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, e ainda o recrutamento de pessoal e a necessidade de preparação de profissionais para atuação, se necessário, no campo de batalha, como já vinha acontecendo com o curso ofertado pelo Departamento de Saúde Pública do Ceará, sob a chancela da Cruz Vermelha Brasileira, em Fortaleza, também assinalado anteriormente. Com esse propósito o Curso de *Enfermeiras de Emergência* do Patronato, surgiu três meses após a formatura da segunda turma do curso ofertado pelo DSP, instalando-se em 7 de outubro de 1942, e constituiu à época o terceiro curso de preparação de enfermeiras, em Fortaleza, para o auxílio também dos hospitais de guerra. A direção técnica desse curso era do médico Jurandir Maraes Picanço e a direção administrativa da Superiora do PNSA, a Irmã Margarida Breves (EXALTAÇÃO, 1942; INAUGURADO, 1942; INSTALAÇÃO, 1942; INSTALADO, 1942; INSTALAR-SE-Á, 1942)

A idealizadora dessa iniciativa de oferta do curso foi a Irmã Margarida Breves, em virtude de solicitações das senhoras de oficiais do Exército e das senhorinhas da sociedade local. O Povo divulgou em matéria impressa à época o memorial elaborado pelas senhoras dos oficiais do Exército Nacional, destinado ao médico Jurandir Maraes Picanço e à diretora do PNSA. Memorial no qual se declarava explicitamente o desejo delas em querer “seguir o

*exemplo augusto da protetora das dores dos soldados na guerra do Paraguai” e oferecer “suas vidas em holocausto ao Brasil” (CONGREGADAS, 1942, p. 01).*

A lembrança de Ana Neri, heroína da guerra, e o sentimento de patriotismo davam o tom ufanista já alardeado e que envolvia a população da cidade na época. A solicitação das senhoras e senhorinhas foi acatada e duas turmas foram formadas para esse curso. Uma composta somente das esposas dos oficiais do Exército, abrigados na cidade de Fortaleza, e outra formada por jovens cearenses interessadas em contribuir com a pátria. O Curso de *Enfermeiras de Emergência* do PNSA, que formava voluntárias socorristas, também referidas como *enfermeiras de guerra* ou *enfermeiras socorristas* pelos jornais, distinguia-se dos demais existentes à época, uma vez que, além da enfermagem propriamente dita, ou seja, do ensino para o cuidado, trazia também a assistência ao soldado no campo de batalha. O Curso de *Enfermeiras de Emergência* do PNSA abrangia dois aspectos novos do cuidado: o da maternidade e da puericultura para a proteção da vida; e o do social, fornecendo amparo moral e espiritual àqueles que o necessitassem para enfrentar as contingências da luta cotidiana (CURSO, 1942; INSTALADO, 1942; MAIS ENFERMEIRAS, 1942).

Na solenidade de inauguração do Curso de *Enfermeiras de Emergência* do PNSA, realizado no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, no dia 7 de outubro de 1942, conforme nota estampada nas páginas de diversos jornais, esta informava que foram entregues às esposas dos oficiais do Exército e às senhorinhas da sociedade a braçadeira com o emblema da Cruz Vermelha. Noticiavam também que discursaram, em nome das alunas do novo curso de Enfermagem de Emergência, a Senhora Yolanda Gadelha Teófilo, aluna e esposa do Primeiro Tenente Tasso Teófilo Castro de Oliveira. Também falaram nesse evento o Senhor Menezes Pimentel, Interventor Federal; o médico Jurandir Maraes Picanço, diretor técnico do referido curso; o médico Cesar Cals de Oliveira, presidente do Centro Médico Cearense; o Primeiro Tenente Ednardo Weyne, representando o Exército brasileiro; e Hesíodo Facó, acadêmico de Direito, convocado para a guerra (CONVOCAÇÃO, 1942; EXALTAÇÃO, 1942; INAUGURAR-SE-Á, 1942).

Para dirigir o curso em cooperação com a classe médica local, vieram do Rio de Janeiro duas Irmãs de Caridade, “enfermeiras diplomadas” pela Escola de Enfermeiras Ana Neri, fundada em 1923, considerada Escola Padrão (A ESCOLA, 1942). Com quase 20 anos de fundação a escola já distribuía as enfermeiras diplomadas para o ensino dessa profissão nas

capitais dos diversos estados da Federação. Era uma novidade para o Ceará a chegada de enfermeiras diplomadas, sendo noticiada também nos jornais da época. Foram elas, a Irmã Margarida Maria Cola e Irmã Maria José dos Santos (EM PLENO, 1942).

Ainda em relação ao Curso de *Enfermeiras de Emergência* do PNSA, poderiam se matricular alunas que possuíssem comprovante de conclusão de curso normal ou ginasial. Para aquelas que não o tivessem, haveria um exame de admissão. O Curso de Enfermeiras de Emergência do PNSA estava programado para iniciar as aulas em setembro de 1942, mas foram iniciadas somente em 7 de outubro de 1942 com duas turmas (INAUGURADO, 1942; MAIS ENFERMEIRAS, 1942). Uma exclusivamente composta pelas senhoras dos oficiais do Exército e a outra, como também referido no jornal O Povo, formada por jovens que também se apresentavam como voluntárias para ajudar a Pátria (CONGREGADAS, 1942).

Desse modo, considera-se que, nesse escrito, ficou delineado o enredo histórico que na “largura do tempo” estabelecido nesta investigação configura a enfermagem pré-profissional institucionalizada no Ceará, a partir da realização desses cursos de formação de enfermeiras.

Faz-se pertinente destacar que esses cursos mencionados anteriormente: o primeiro, acerca do qual se têm poucas informações, o *Curso de Enfermeiras de Emergências*; seguido do *Curso de Enfermagem de Emergência Estadual*, ministrado pelo Departamento de Saúde Pública do Ceará, sob a chancela da Cruz Vermelha Brasileira no estado; e o *Curso de Enfermeiras de Emergência* do Patronato Nossa Senhora Auxiliadora estabeleceram suportes embrionários para a criação da Primeira Escola do estado do Ceará, a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo – EESVP.

Segundo Nóbrega-Therrien, Almeida e Silva (2008 a), no Ceará, a formação de enfermeiras começou a acontecer oficialmente com a criação da EESVP, no ano de 1943, cuja regulamentação foi feita pelo Decreto-Lei nº 21.885, de 26 de setembro de 1946. Essa instituição, por sua vez, conduzida pelas Filhas da Caridade emergentes do Colégio Imaculada Conceição - CIC, braço educacional e da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, braço assistencial dessa Irmandade e apoiadas, sobretudo, na figura da Irmã Margarida Breves e do médico Jurandir Maraes Picanço, considerados baluartes da criação e direção desta Escola e, conseqüentemente, do processo de formação da enfermeira cearense.

### **Considerações finais**

Pode-se conhecer, a partir da pesquisa histórica, a trajetória do ensino de Enfermagem no Ceará, mais especificamente dos seus primeiros cursos, cujas fontes documentais foram jornais publicados no ano de 1942, momento em que se iniciou o ensino de Enfermagem na referida região, somando-se a artigos e livros que enfocam essa temática. Assim, pode-se identificar a relevância da fonte documental para a realização de pesquisas históricas na área da Educação, como forma de registrar e preservar a memória e a evolução do processo formativo. Em particular, quando se reporta para a formação da enfermeira cearense, sobre a qual há escassez de estudos.

Constatou-se que, na realidade analisada, diferentemente do que ocorreu noutros estados brasileiros, foram criados três cursos de Enfermagem isolados, para depois, então, ser fundada a primeira Escola de Enfermagem cearense. Compreende-se que criar cursos de Enfermagem, ao invés de Escola de Enfermagem, levou a uma perspectiva isolada, mais restritiva sobre o ensino nessa área. Isso porque era uma formação ofertada apenas por alguns meses, que preparava profissionais para atuarem na assistência e depois findava. Não havia uma continuidade da proposta pedagógica, o que poderia levar a avaliações que propiciassem aprimoramentos, a partir da valorização do contexto, com suas demandas e características.

Outro aspecto pertinente a ser destacado refere-se ao corpo docente, constituído, prioritariamente, por médicos e, em menor proporção, por enfermeiras formadas noutras regiões do Brasil, ou até mesmo em outros países. Ressalta-se que a predominância de médicos como professores nas Escolas de Enfermagem perpetuou-se por muito anos, inclusive até chegar ao ensino superior, nas faculdades, centros de ensino e universidades.

Entende-se que a prevalência de médicos no corpo docente ocorria por causa do *déficit* de profissionais de Enfermagem aptos a formar outros profissionais, mas também porque, historicamente, pensou-se a categoria como uma profissão auxiliar à do médico. Apenas com o decorrer dos estudos, a partir da sistematização dos saberes da Enfermagem, foi-se compreendendo a necessidade de que os enfermeiros fossem formados também por enfermeiros, inclusive conduzindo e planejando toda a proposta pedagógica. Ao tecer essa ponderação, não se está negando a necessidade de interdisciplinaridade e interprofissionalidade no processo formativo. Todavia, entende-se que uma categoria

profissional não pode definir os pressupostos didático-pedagógicos da formação de outra profissão.

Por fim, este estudo contribuiu com a sistematização e a preservação da história da Enfermagem cearense, mais especificamente no que concerne ao seu processo formativo, demonstrando a relevância de entender essa trajetória não como estática, e sim dinâmica, que continua a influenciar o presente. Por isso, a necessidade de compreender a constituição do ensino de Enfermagem cearense, desde sua gênese, para entender o panorama presente e, então, ter subsídios para transformar o processo de formativo.

### **Referências**

A CRUZ vermelha no Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, nº 5.823, 27 mar. 1942.

A ESCOLA doméstica São Rafael vai fundar um curso de enfermeiras de emergência. **O Unitário**, Fortaleza, s/n, s/p, 29 ago. 1942.

A OPERETA pastoril no Patronato Nossa Senhora Auxiliadora. **O Nordeste**, Fortaleza, n 5634, p. 08, 02 jan. 1941.

APRESENTAÇÃO das candidatas a enfermeiras de emergência. **O Nordeste**, Fortaleza, nº 6067, p. 01, 03 jul. 1942.

ASSOCIAÇÃO das filhas de Maria do Patronato Nossa Senhora Auxiliadora. **O Nordeste**, Fortaleza, nº 6688, p. 24, 15 ago. 1944.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Alegre: Porto, 1994.

CARLOS, Djailson José Delgado; PADILHA, Maria Itayra; VILHARINHO, Maria Vieira; BORENSTEIN, Miriam Süsskind; MAIA, Ana Rosete Camargo Rodrigues. Escolas de enfermeiras no Nordeste brasileiro (1943-1975). **Revista Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 02, p. 326-333, mar./ abr., 2014. Disponível em: [www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3161](http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3161). Acesso em: 05 jun. 2018.

COLLIÈRE, Marie-Françoise. **Promover la vida**. Cidade do México: McGraw-Hill, 2001.

CONGREGADAS para servir ao Brasil as senhoras dos oficiais do exército: vão preparar-se como enfermeiras de emergência, sob a orientação do dr. Jurandir Picanço – a íntegra do memorial dirigido ao ilustre médico e a diretora do Patronato Maria Auxiliadora. **O Povo**, Fortaleza, nº 470505, p. 01, 05 out. 1942.

CONVOCAÇÃO de enfermeiras. **Jornal Correio do Ceará**, Fortaleza, nº 8477, 08 nov. 1942.

CURSO de enfermeiras de emergência: a sua instalação à noite de hoje, no Patronato Maria Auxiliadora. **O Povo**, Fortaleza, nº 4705, p. 01 e 02, 05 out. 1942.

DEPARTAMENTO de Saúde Pública: curso de Enfermagem de Emergência. **O Nordeste**, Fortaleza, nº 4523, p. 05, 28 jun. 1942.

ENFERMEIRAS. **O Nordeste**, Fortaleza, nº 5958, p. 03, 25 fev. 1942.

EXALTAÇÃO ao Brasil na festa inaugural do novo curso de enfermeiras de emergência. **O Unitário**, Fortaleza, s/n, s/p, 08 out. 1942.

FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de; SANTOS, Iraci dos; SOBRAL, Vera Regina Salles; SILVA JÚNIOR, Osnir Claudiano da. Cuidar em saúde: lugar da invenção de um novo paradigma científico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 51, n. 3, p. 447-456, jul.-set., 1998.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/reben/v51n3/v51n3a09.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FRAZÃO, Eneida Schramm. **30 anos: Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo 1943- 1973**. Fortaleza: s. ed, 1973.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sociohistórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 01, n. 116, p. 21-39, julho, 2002.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002). Acesso em: 30 nov. 2016.

GONZÁLEZ, José Siles. Teoria e método nos estudos históricos em enfermagem – o Modelo Estrutural Dialético dos Cuidados (MEDC). In: OGUISSO, Taka; FREITAS, Genival Fernandes de; GONZÁLEZ, José Siles. (Orgs.). **Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2016.

INAUGURADO o curso de Enfermeiras de Emergência no Patronato N. S. Auxiliadora. **O Nordeste**, Fortaleza, nº 6148, p. 03, 08 out. 1942.

INAUGURAR-SE-Á hoje o curso de enfermeiras de guerra do Patronato N. Senhora Auxiliadora. **O Unitário**, s/n, s/p, 07 out. 1942.

INSTALAÇÃO curso de enfermeiras do Patronato Maria Auxiliadora. **O Povo**, Fortaleza, nº 4708, p. 03, 08 out. 1942.

INSTALADO ontem o curso de Enfermeiras de Emergência. **Gazeta**, Fortaleza, s/n, s/p, 08 out. 1942.

KLETEMBERG, Denise Faucz; SIQUEIRA, Márcia Teresinha Andreatta Dalledone. A criação do ensino de Enfermagem no Brasil, **Cogitare Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 08, n. 02, p. 61 – 67, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1695/1403>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MAIS ENFERMEIRAS do Ceará para apressar a vitória do Brasil: desde ontem Fortaleza conta com um novo curso – a solenidade de instalação. **Correio do Ceará**, Fortaleza, nº 8411, p. 02, 08 out. 1942.

MENDES, Emanoela Terezinha Bessa. **A formação da enfermeira cearense e a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (1943-1977)**. 2013. 306 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA JÚNIOR, Osnir Claudiano; MOREIRA, Almerinda; PORTO, Fernando Rocha; AMORIM, Wellington Mendonça; BRITO, Ivan. História, memória e relíquias: um pouco da história da enfermagem no Brasil. **Revista de Pesquisa: cuidado é fundamental**, Rio de Janeiro, v. 02, ano 05, p. 78-85, 2001. Disponível em: <http://lacenf.com.br/.../História-memória-e-reliquias-Um-pouco-da-história-da-enfermagem...> Acesso em: 15 dez. 2016.

MOTA, Leonardo. **Datas e fatos para a História do Ceará**. Fortaleza: s. ed., 1942.

NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Ensino de Enfermagem no Ceará de 1942-1956: a memória que projeta o futuro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 01, p. 125-130, 2008a. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672008000100021&script=sci\\_arttext/](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672008000100021&script=sci_arttext/). Acesso em: 21 maio 2015.

NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Enfermagem no Ceará: fatos, reflexões e propostas para a preservação da história e memória da profissão. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 02, p. 258-261, 2008b. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672008000200019&script=sci\\_arttext/](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672008000200019&script=sci_arttext/). Acesso em: 21 maio 2015.

OGUISSO, Taka; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; SANTIAGO, Emiliane Silva. Maria Rosa Sousa Pinheiro e a reconfiguração da enfermagem brasileira. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 18, n. 04, out.-dez., p. 643 – 651, 2009.

OGUISSO, Taka (Org.). **Trajectoria histórica da Enfermagem**. Barueri: Manole, 2014.

OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos; VERÍSSIMO, Maria De Lá Ó Ramalho; PUSCHEL, Vilanice de Araújo; RIESCO, Maria Luiza Gonzalez. Desafios da formação em enfermagem no Brasil: proposta curricular da EEUSP para o bacharelado em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 820-825, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342007000500014/](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000500014/). Acesso em: 15 out. 2015.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; BORENSTEIN, Miriam Süsskind. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.14, n. 04, p. 575-584, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n4/a15v14n4.pdf> . Acesso: 15 jun. 2016.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; MANCIA, Joel Rolim. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 58, n. 06, p. 723-726, nov.-dez., 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672005000600018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000600018). Acesso: 15 set. 2016.

PINGO. **O Nordeste**, Fortaleza, nº 4793, 25 fev. 1942.

PRONTAS para o serviço da pátria: a bela festa das enfermeiras, ontem, no “José de Alencar”. **O Nordeste**, Fortaleza, nº 6051, p. 03, 12 jun. 1942.

SEGUE para o Rio, a irmã Becker. **O Nordeste**. Fortaleza, nº 5496, p. 01, 15 jul. 1940.

PORTO, Fernando Rocha; NETO, Mercedes; GOULART, Sandra; NASSAR, Pedro; AGUIAR, Simone; VERALDO, Sainara. Canal saúde: entrevista sobre a história da enfermagem, profissionalização e legislação. **Revista de enfermagem da UFPE**, Recife, v. 07, n. 02, p. 632-637, fev., 2013. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/.../5438>. Acesso em: 15 out. 2016.

SEGUE para o Rio, a Irmã Becker. **O Nordeste**, Fortaleza, nº 5496, p. 01, 15 de jul. 1940.

SILVA, Irmã Jeny Borges da. **História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro (Brasil 1849 -2003)**. Petrópolis: Vozes, 2006.

STUTZ, Beatriz Lemos. As primeiras Escolas de Enfermagem e o desenvolvimento desta profissão no Brasil. **Cadernos de História da Educação**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 02, p. 347-362, jul./dez., 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/11450/6713> Acesso em: 10 jan. 2020.

## Notas

---

<sup>i</sup> O uso dos termos: enfermeira/aluna trata-se de iniciativa que problematiza o fato de que a Enfermagem, desde a sua gênese como profissão, assim como nos primórdios do seu ensino formal no mundo e no Brasil e, particularmente, no Ceará, emerge como uma categoria predominantemente feminina. No entanto, a utilização desses termos também remete à necessidade de questionar a lógica machista, utilitária e racionalista que, ainda, subjuga as mulheres e os homens, impedindo, dentre outras coisas, que as características daquelas sejam valorizadas, ao tempo em que incorrem em empecilhos para que estes possam vivenciar a afetividade nas relações interpessoais. Portanto, há a necessidade de valorizar a presença da mulher nessa profissão e, ao mesmo tempo, mostrar que esse trabalho vem sendo cada vez mais exercido por homens e que o cuidado se refere, pois, à condição de ser humano.

## Sobre os autores

### **Silvia Maria Nóbrega-Therrien**

Enfermeira, com Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Doutorado em Sociologia da Educação, pela Universidade de Salamanca, Espanha e Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Valencia, Espanha. Atualmente, é professor Assistente N da Universidade Estadual do Ceará, no Curso de graduação em Medicina e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Membro da Câmara de Ciências Humanas, Linguagem e Artes da FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ceará. Membro do Conselho Editorial da Editora da UECE-EdUECE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. E-mail: silnth@terra.com.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9660-8314>

### **Maria Irismar de Almeida**

Graduação em Enfermagem, Mestrado em Educação e Doutorado em Enfermagem, ambos pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professora adjunto nível XII da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: irismaruece@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6393-3930>

### **Elane da Silva Barbosa**

Graduada no Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem - FAEN da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Especialista em Enfermagem do Trabalho pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá - FIJ. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, História e Saúde Coletiva (GPEHSC) da UECE. Atualmente, desempenha a função de Coordenadora da Divisão de Educação em Saúde na Secretaria Municipal de Saúde de Mossoró/Rio Grande do Norte.  
E-mail: elanesilvabarbosa@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2668-8064>

Recebido em: 14/03/2021

Aceito para publicação em: 20/03/2021